

Nenhum banqueiro veio elogiar, diz Mailson

por Getulio Bittencourt

de Nova York

“Nenhum banqueiro veio aqui nos elogiar”, admitiu ontem o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, “mas eles compreenderam as dificuldades que o Brasil enfrenta no momento.” O ministro explicou por que o País não está pagando US\$ 1,6 bilhões em juros devidos neste mês em conversas com três presidentes do conselho de grandes bancos credores norte-americanos.

Em sua suíte do hotel Intercontinental, Mailson recebeu Charles Sanford, do Bankers Trust, às 14h30; Rodney Wagner, do Morgan Guaranty Trust, às 16 horas, e John MacGillcudy, do Manufacturers Hanover, às 17 horas. “Não se pode dizer que nenhum banqueiro goste de saber que não vai receber o que está escrito no contrato que deveria receber”, resumiu Mailson. “Mas o que procuramos mostrar é que o País não está pagando porque não pode.”

Aos três banqueiros, o ministro da Fazenda historiou suas dificuldades em três áreas interligadas. Primeiro, o saldo da balança comercial diminuiu muito neste ano, como estava previsto, porque o governo liberou as importações; o saldo deveria ser compensado com a entrada de recursos externos, US\$ 3 bilhões, vindos do Banco Mundial (BIRD), dos bancos comerciais e do governo japonês, que até agora não foram liberados porque estão condicionados a um acordo do País com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Este é o terceiro problema. Mailson contou aos banqueiros que o acordo não foi possível até agora porque a nova Constituição inviabilizou a política econômica do governo em fim de mandato do presidente José Sarney. “Mas creio que é possível fazermos um acordo provisório com o Fundo”, insistiu o ministro. “É difícil, não recebi nenhuma luz verde nesse sentido, mas não é impossível. Há espaço para um acordo.”

Sua crença é baseada na convicção de que “dentro das circunstâncias, temos feito tudo que estava ao nosso alcance”, acrescentou. O centro de sua argumentação com os banqueiros é a questão das reservas. “Não vamos reduzir as reservas para pagar os juros”, disse o assessor internacional do ministro, Sérgio Amaral, que se reuniu paralelamente com o comitê assessor de bancos. “Fazer isso aumentaria as incertezas da economia neste momento delicado da transição democrática no País”, repetiu o ministro.

Mailson confirmou que o País ofereceu aos banqueiros “algumas idéias novas”, na descrição de Sérgio Amaral, para reduzir a dívida externa com os bancos comerciais, mas se recusou a dar qualquer detalhe. Ele anunciou que após a reunião do Fundo em Washington, os negociadores brasileiros voltam a encontrar-se com o comitê assessor para “uma reunião técnica”.

Nesse encontro deve tratar-se da visita de uma missão de técnicos do comitê assessor ao Brasil e da prorrogação do prazo de desembolso dos US\$ 600 milhões e da terceira parcela de dinheiro novo, que vence dia 30 de setembro. Mailson informou, por fim, que deve encontrar-se com presidentes de bancos europeus e japoneses e com outros presidentes de bancos norte-americanos, na próxima semana, em Washington. Amanhã ele se reunirá com o diretor-gerente do FMI, o francês Michel Camdessus.